

BATALHA

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 212

O dia dos mortos

Foi ontem o dia dos mortos. Os cemitérios encheram-se de pessoas que iam de visita aos covais e aos jazigos onde repousam, num sono eterno, aqueles que lhes foram queridos ou simplesmente aparentados. Discordamos dessa manifestação, desse sentimento que se manifesta todos os anos, num dia que é sempre o mesmo. Essa manifestação é mais um hábito do que um sentimento, é mais uma praxe que se cumpre do que uma dôr que se exprime. A Igreja, cidadela dos piores preconceitos, reduto de todas as hipocrisias, não engenhou o velho culto dos mortos e procurou perpetuá-lo. A Igreja foi coerente, adoptando o velho culto. Esquece-se apenas de que ela tem os seus mortos, que são todos aqueles que ela mandou matar. A sua unidade de fé conseguiu-se à custa de grandes massacres, onde se cometeram actos dum feroz banditismo, onde se praticaram crueldades que ficaram para sempre a pesar-lhe, através de todas as gerações que conservem sua odiosa recordação.

Os massacres dos heréticos revolam ainda hoje todas as consciências bem formadas. Os albigenses, como de resto quase todos os heréticos de outros tempos não eram ateus, mas sim religiosos dum fei mais pura do que a dos papas e se rebelavam não contra as crenças, mas contra a veia de vida e a corrupção da Igreja que se tornava cúmplice e colaboradora das imoralidades e das tiranias dos poderosos.

A Igreja teve os seus mortos: os mortos da Inquisição que sofreram, antes de assassinados, as maiores torturas e as maiores humilhações. Os mortos de Saint Barthélémy contam-se por milhares — e Saint Barthélémy foi o mais cobarde e o mais odioso dos massacres. João Huss, esse pobre crente que a Igreja atraiu ao concílio de Constança para o assassinar à traição, é uma das suas maiores vergonhas porque é dos seus crimes mais repugnantes. A Igreja teve sempre o culto da morte; é natural, portanto, que tivesse perpétuado o culto dos mortos.

Ainda há 30 anos ela quis resuscitar em França o ódio de raças procurando, à viva força, usando das mais torpes calúnias, conseguir que se regressasse aos tempos das guerras religiosas em que se dizimavam os «protestantes» e reacender o ódio contra os judeus, essa raça secularmente e bárbaramente perseguida.

Não foi, evidentemente, a êses mortos que a Igreja consagraria o dia de ontem. Para os que ela mandou assassinar só um desgosto a compungue: que elas não sintam hoje os seus vóvidos, os horrores dos supícios que ela lhe infligiu.

O dia de ontem não é consagrado aos que morreram na Guiné, longe de suas famílias, devorados de febre e de laciniantes sofrimentos, vítimas dum absurdo do poder que é um crime monstruoso que os jornais católicos aplaudiram, com uma alegria sinistra.

O dia de ontem não foi consagrado áqueles que se bateram nas grandes e libertadoras revoluções da história, que morreram heróicamente nas barricadas ou foram covardemente assassinados nas represões que a Igreja aplaudiu; não foi consagrado a todos aqueles que por caminharem na vida por uma estrada que conduzia ao futuro, a reacção lisílou, covardemente, pela rectaguarda. Francisco Ferrer é um exemplo bem moderno a atestar que a Igreja que tem o culto dos mortos ainda não deixou de ter o culto dos assassinos.

E ainda bem que êsses mortos não são «pranteados» pela Igreja, para não termos que repelir, com a maior indignação, uma sinistra farça! Seria asqueroso que a Igreja se debulhasse em lágrimas por aqueles que ela assassinou. De resto os mortos da Guiné não foram recordados ontem; são-nos todos os dias mas por uma dôr que por ser sincera, não obedece às indicações do céu.

Há anos, ainda em plena guerra Romain Rolland escreveu, no exílio, numa cidade da Suíça, um apelo aos povos massacrados. Esse apelo foi escrito no dia 2 de Novembro — quando os padres, nos campos de batalha, incitavam à morte. O dia de ontem foi, pela Igreja, também consagrado aos milhões de homens que ela, por meio dos seus padres, iniciou a massacrarem-se nas trinchérias. No que se infere que o sentimento humano, segundo a Igreja,

O sr. Eduardo de Carvalho, ex-consul de Portugal em Boston praticou ali condenáveis roubos e imoralidades

Acérca do procedimento dos representantes do Estado no estrangeiro dizem-se cobras e lagartos. E quase sempre há razão na maledicência. Não existe, neste país, o cuidado de nomear para lugares de importância, como consulados e legações, criaturas de porte irrepreensível que não façam recair sobre todos os portugueses, sobre todos os que tiveram a infelicidade de nascer em esta terra, o ridículo e o mau conceito que os estrangeiros lhes atribuem.

O Grémio Independente «Pró Patria» acaba de nos fornecer elementos que deixam pelas ruas da amargura a reputação do sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, ex-consultor de Portugal em Boston.

Aquela agremiação toma a responsabilidade das acusações que formula. Não é, evidentemente, por um espírito de tacanho patriotismo, que não temos, que trazemos às colunas do nosso jornal este importante e melindroso assunto. Apoiamos a indignação e o protesto daquela agremiação portuguesa, porque entendemos que assim defendemos os interesses de uma colónia de 150 mil portugueses, na sua maioria trabalhadores que vivem na Nova Inglaterra (E.U.A.) onde o sr. Eduardo de Carvalho os prejudicou.

Nenhum outro jornal na imprensa portuguesa melhor do que este acolherá de boa vontade a campanha justa do Grémio Independente «Pró Patria».

O sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, ex-consultor de Portugal em Boston, é publicamente acusado, tanto na imprensa da colónia e na imprensa americana, como nas sessões das associações portuguesas, dos seguintes crimes:

* * * Ter trazido de Portugal na sua companhia, quando veio para a América, uma senhora francesa, o que neste país é considerado «escravatura branca», crime totalmente repudiado pelo povo americano e autoridades de imigração, mantendo depois uma vida de debocho, desinquietando senhoras casadas e solteiras de toda a honrabilidade, sem respeito pela honra do lar alheio, nem pela dignidade do cargo que ocupava e da nação de que era representante.

2.º Estabelecer a desunião da colónia portuguesa, promovendo intrigas e perseguições, baixando à vileza de sob pseudônimos diferentes, escrever artigos em certos jornais da colónia, em linguagem suja e insultosa, ferindo a honra de famílias honestas.

3.º Ter roubado do cofre do consulado a quantia superior a mil dólares acusando falsamente outro funcionário, que sabemos por sindicância se aprovou estar inocente, sendo o dito sr. Carvalho «condenado» a reper a quantia roubada, o que ele nunca fez, gabando-se ainda do facto com revolante cinismo, afirmando para quem o queria ouvir, que ele não tinha medo do ministério dos Estrangeiros, mas ao contrário, era este ministério que tinha medo dele.

Carvalho, dispensando-lhe por isso toda a protecção, fazendo tudo o que ele queria, pois o ministério temia que ele Carvalho revelasse as escandalosas roubalheiras que estava possuidor de todos os segredos, afirmando ainda que, portanto, se ele rouava, não era ele só...».

O sr. Eduardo de Carvalho é pessoa muito bem apadrinhada na política portuguesa. Hoje quem pode impedir impunemente todos os crimes são os afilhados dos políticos. O sr. Eduardo de Carvalho ria-se da indignação da colónia — porque tinha a certeza da impunidade.

Os escândalos eram abafados no ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas a Verdade acaba sempre por triunfar e o Grémio Independente está disposto a contribuir com o seu importante depoimento para forçar o sr. Carvalho a reparar o que indevidamente retirou à colónia.

Durante longo tempo aquele consul coubo emolumentos excessivos que não entraram nos cofres do Estado português mas apensas suas algibeiras particulares.

Um pobre diabo que rouba um pão é mal tratado e encerrado numa enxova. O sr. Eduardo de Carvalho, como é consul, como é bem apadrinhado, gosa ampla e franca liberdade.

Bom protector tinha, pois, a colónia portuguesa de Nova Inglaterra! Espaldado representante tinha Portugal na Norte América!

E ainda ha quem fale no prestígio de Portugal no estrangeiro...

O dr. Orlando Marçal fez uma conferência em Aldeagalega contra as deportações

ALDEAGALEGA, 30. — O dr. Orlando Marçal realizou a terceira conferência sobre as deportações, na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais desta vila.

Calcula-se em cerca de 2.000 o número de pessoas que assistiram à conferência, estando muito representado o elemento feminino.

Pelas 2 e meia horas abriu a sessão o camarada António Gonçalves Tormenta que convidou Manuel André e Francisco Simeões para secretariar.

António Tormenta apresentou o conferente, em nome da Associação dos Rurais. Disse que o dr. Orlando Marçal veio realizar uma conferência, a exemplo do que já fez na C. G. T. e em vários pontos do país.

Aproveita a ocasião para declarar que os políticos especularão com o facto do conferente ir a casa dos trabalhadores, dizendo que ele irá pedir votos. Felizmente, sabe muito bem que na casa dos trabalhadores não se faz política.

O conferente começa por saudar a presença e todos os presentes que representam a classe trabalhadora que vive do seu labor honrado. Por toda a parte ouve falar em ordem. As classes burguesas e especialmente a sua imprensa que defende a moagem e os monopólios chamam desordeiros aos operários. Aproveita a ocasião para declarar que não vem pedir votos. Não quer desrespeitar orientação do operário.

Vem defender as liberdades populares cívicas e bárbaramente perseguidas.

Sente-se bem no seio dos trabalhadores visto que se considera um trabalhador intelectual. Por isso não se pode afastar da massa produtora. Aconselha os operários a educarem-se porque a hora do povo soará, em proveito do trabalhador.

Referindo-se às deportações em palavras de protesto contra tal monstruosidade, afirma que à face da lei elas não poderiam ter sido levadas a efecto. A lei deve ser igual para todos. Mas para os deportados não o foi. Enquanto elas jazem na Guiné e em Cabo Verde sem culpa formada, os revoltos do 18 de abril responderam cómodamente na Sala do Risco, enxovalhando a República. Enquanto na imprensa burguesa se faziam campanhas sentimentais a favor dos revoltos que estavam sofrendo as consequências legais dos seus actos, contra os deportados faziam-se as piores e mais disparatadas campanhas de ódio, com romances de «legionários» e outras coisas tétricas.

Conhece alguns dos rapazes que foram deportados para a Guiné e Cabo Verde, tendo a impressão de que estão inocentes. Por isso insiste pelo seu julgamento, para que se apurem as suas responsabilidades. Depois de protestar também contra as prisões sem culpa formada, termina dando um viva à Liberdade que foi entusiasticamente correspondido pela numerosa assistência, da qual também irromperam vivas à C. G. T., A Batalha, etc. Finalmente foi aprovado uma moção de protesto contra as deportações e prisioneiros sem culpa formada.

O dr. Orlando Marçal fez uma conferência em Aldeagalega contra as deportações

O fim de serem intensificados os trabalhos de reparação das estradas, a Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, a pedido da Administração Geral das Estradas e Turismo, acabou de conceder redução de tarifas no transporte de pedra e outros materiais aos arrematantes das empresas de reparação.

A capa e batina

O ministro da instrução determinou que os alunos das escolas primárias superiores possam usar capa e batina.

Reparações de estradas

A fim de serem intensificados os trabalhos de reparação das estradas, a Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, a pedido da Administração Geral das Estradas e Turismo, acabou de conceder redução de tarifas no transporte de pedra e outros materiais aos arrematantes das empresas de reparação.

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

Um garoto com a mania da celebração tecê um romance asqueroso sobre o operariado

UM ALVITRE

"Se não é possível evitar a influência dos desportos, a organização sindical deve criar secções de saúde para os jovens operários desportistas!"

Há entre nós um importante problema a resolver, ao qual até hoje não vemos que se tenha ligado a importância que realmente merece.

Referimo-nos à prática do chamado *sport*.

E' sabido que entre a mocidade operária o entusiasmo pelo *sport*, e muito especialmente pelo futebol, é grande. Há mesmo ocasiões em que é difícil encontrar entre os jovens uma escassa meia dúzia que queria cuidar dos seus interesses económicos e das suas reivindicações com aquele cuidado com que devem ser tratados, e isto dá-se, porque este tem desafio, aquela treino, aquela tem de ver o Santa, o Crespo ou qualquer outro *pugilista* de valor... Maneira de se afastar a mocidade desse... robustecimento da raça, não se tem encontrado ou não se tem procurado até hoje.

E como a desgraça nunca vem só, começam agora os políticos a servir-se dos chamas desportistas para cuidarem da eleição dos vários amigos da raça que quando eleitos não cuidarão senão dos seus interesses, as mais das vezes senão sempre, absolutamente... inconfessáveis. Urge em nosso entender que alguém que levante contra esta carneirice dos jovens que, lentamente, são apanhados pelo engrenagem eleitoral se algo não se afastar desse perigo.

Mas não é só este ponto de vista que o *sport* está sendo um perigo iminente para a classe operária. Se olharmos a educação moral dos nossos desportistas, não é difícil divisar em quais todos eles um pernicioso espírito sectário que necessariamente há de influir na sua concepção social. De facto está no conhecimento de todos o interesse entusiástico com que são seguidos os chamados desafios, interesses que, tantas vezes leva até o cíntulo de se esmurrarem, ou esfaquearem como há pouco em Espanha, os partidários dos vários «onzes».

Há ainda o lado físico da questão que é talvez o mais importante. Sabe-se já que uns dos agentes mais ativos da tuberculose é... o clube desportivo! Rapazes sem a necessária resistência física, sem a mira de cuidar da saúde, mas sim de vencer o clube «adversário» num rude trabalho muscular, entregam-se à prática do violento *foot-ball* com tal aliança, com tal entusiasmo que, raro é aquele que não sofre apreciável desaparecimento no seu físico já enfraquecido pelos trabalhos que na imunda oficina é forçado a praticar. Há além disto um desprès enorme pelos cuidados higienicos a que um desportista mais do que ninguém tem de se entregar com meticoloso cuidado e todos nós sabemos que, acabado o desafio, raro é aquele que não raja do seu cigarro para calmar, ou se enfa no café a comentar as fases do combate! No fim de tóda a sua faina «desportiva» o desgraçado desportista só consegue enfraquecer-se fisicamente moralmente. E' porém facil arrançá-lo a este vício! Evidentemente que não! Entre nós, os habitantes desta infeliz terra à beira mar plantada, custam a pegar as bichas mas quando pegam não há nadie que as arranque. Assim o chamado «foot-ball».

E' por isto mesmo, por esta dificuldade em arrancar os nossos jovens operários a influência deletaria dos clubes que nós alvitramos que a organização ou isoladamente os sindicatos procurem criar para os seus jovens associados «Secções de Saúde», a que camaradas conscientiosos e conhecedores um pouco dos preciosos cuidados higienicos dirijam, no sentido de evitar os males citados. Que o que se organize seja —pouco bom. Temos a certeza de que será relativamente fácil conseguir jovens médicos que se prestem a auxiliar a nossa iniciativa com repetidos exames aos sindicados praticantes dos vários exercícios físicos a que a Secção se dedique.

Esses exames, tendo os seus resultados inscritos numa caderneta especial, seriam os preciosos elementos com que o sindicato contaria para, a quando de qualquer doença, conseguir um diagnóstico completo e perfeito. E é do conhecimento de todos que o mais difícil do tratamento é diagnosticar.

A «Secção de Saúde» competiria, é claro, a escolha dos desportos a praticar e a nenhum sindicato deveria consentir-se a prática de desportos incompatíveis com o seu estado de saúde. Imposição? Ditadura? Sim. Enquanto não se conseguisse saúde para todos os sindicados, dar-se-ia a cada um segundo as suas necessidades... físicas—consentimento para praticar o desporto que as suas forças pudessem suportar sem viamento esforço.

A Secção escolheria de preferência os desportos que não desenvolvem o espírito partidário e nunca daria espectáculos públicos em que muitas vezes se fazem esforços incompatíveis com as posses dos desportistas... só porque as vaidades a isso obrigan.

Diremos-lhe talvez que estas secções afastavam também os jovens da vida associativa. A isso responderemos que se tal se desse tinhamos ao menos um lucro grande e importante — a saída do jovem operário.

«Não seria possível até aproveitar-se na prática do «camping» ou do passeio e excursões desportivas a ocasião para palestras, conferências e sessões em que se fizesse a propaganda do sindicalismo revolucionário?

Não seria belo ver partir das grandes cidades para os arrabaldes grupos de rapazes praticando a marcha (um dos melhores desportos) acampando junto dos aglomerados das aldeias e a tornarem-se «títulos» ao próximo como a nós mesmos, deixando-lhe o «virus» da grande ideia?

EGO

Contra o açúcar impróprio para consumo

A VENALIDADE ELEITORAL

Os operários da casa Fialho de Portimão serão despedidos se não votarem na lista monárquica!

PORTEMÃO, 1.—Sobre os operários da casa Fialho pesa a ameaça do despedimento se não votarem nas próximas eleições na lista nacionalista-monárquica que inscreve as mais reactionárias individualidades dessa cidade.

A estulta pretensão tem provocado um justo movimento de protesto, exactamente porque os candidatos daquela lista são os maiores perseguidores da classe operária, os mesmos que no sidonismo causaram a morte aos nossos camaradas no largo da Porteira.

A pesar de estar bem viva tóda a sua obra, os reactionários desta terra o usam propôr-se ao sufrágio e obrigar os operários a votar nos seus nomes. Já é ter opoté.

António Maria da Silva prepara-se...

OEIRAS, 1.—Esteve nesta localidade na passada quinta-feira António Maria da Silva arranjando votos para os seus adeptos propostos por este círculo.

—Os nacionalistas, segundo nos informam pretendem levar a efeito uma sessão de propaganda eleitoral nesta localidade.

Seria bom que os trabalhadores daqui os recebessem da mesma forma que os «fórcas-vivas» foram recebidos em Santarém.—C.

Esta polícia...

Vieram contar-nos o seguinte: Há dias uma família chegada do norte entrou, já fora do salão superior, duas pequenas malas a um rapazito a-fim de as transportar. Porém, quase a chegar às escadinhas do Duque, um sujeito, que pela bracadeira que ostentava, sabemos tratar-se dum agente de polícia, intimou o rapaz a largar as malas, conduzindo-o ao posto, e dizendo as criaturas a quem elas pertenciam que chamasse um moço de fretes para aquele serviço.

Não fazemos comentários. Apenas pre-guntamos se a liberdade de trabalho não está garantida, e se aquele rapazito que viu os proibidos de trabalhar, será amanhã detido por roubo...

O que no entanto estamos bem certos, é que, tratando-se dum greve de moços de fretes, não só seria permitido a toda a gente transportar malas, como até a própria polícia, de bracadeira e com letras douradas, se prestaria a esse serviço.

CONTRA AS DEPORTAÇÕES

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de protesto contra as deportações no sindicato dos alfaiates, rua dos Faneiros, 300, 2º.

Nesta sessão deverão usar da palavra representantes da C. G. T., Câmara Sindical do Trabalho, Partido Comunista e partidários da I. S. V.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extrações sem dólar. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 15\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

UMA ABSOLVIÇÃO NO TRIBUNAL DA BOA HORA

Respondeu ontem no 3.º distrito criminal o operário metalúrgico Júlio Morais que era acusado do crime de dano por motivo do arrombamento de uma porta da casa de uma vizinha que, vítima de um sequestro, havia sofrido um despejo do pobre mobiliário da sua residência.

O acusado arroncou a porta e ajudou a meter em casa de sua vizinha os móveis que se encontravam na rua em virtude do desmano despejo conseguido pelo seu dono —tenho procedido em tudo sem temor criminosa e movido por intuições humanitárias que muito o dignificam.

Assim o salientou o seu defensor, o nosso amigo dr. sr. Sobral de Campos, advogado da C. G. T. e assim o comprehendeu, felizmente, o ilustre juiz do 3.º distrito criminal —que o absolveu.

Nem tudo está perdido.

São Carlos

Hoje não há espectáculo; depois de amanhã far-se-há «represa», da espirituosa comédia O LEQUE em que a notável actriz Lucília Simões interpreta a protagonista.

Teatro Nacional

Sociedade Artística

Director-gerente

Luis Pinto

Amanhã, 4

Inauguração da época de inverno com a peça em 4 actos original de

CARLOS SELVAGEM

MIRAGEM
Interpretada pelas actrizes

ESTER LEÃO

PALMIRA TORRES

ALBERTINA DE OLIVEIRA

Ensaioção do professor

António Pinheiro

amanhã, pelas 19 horas, para apreciar o resultado das demarches efectuadas

EGO

Contra o açúcar impróprio para consumo

A comissão de demarches dos refinadores de açúcar de Lisboa entregou ao ministro do trabalho uma relação das refinarias que trabalham com máquinas trituradoras de açúcares sem serem cristalizados, pois que só moem açúcares escuros, impróprios para consumo por serem nocivos à saúde dos consumidores.

A comissão demonstrou também que a Sociedade Agrícola Ganda, da Póvoa de Santa Iria, está fabricando açúcar por processos condenáveis.

A classe dos refinadores de açúcar reúne

amanhã, pelas 19 horas, para apreciar o resultado das demarches efectuadas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Eden Teatro

No país do tirismo de João Saraiva e António Carneiro, música de Filipe Duarte e Nicolino Milano

«No país do tirismo» é uma revista em 2 actos e 10 quadros, original de João Saraiva e António Carneiro, com música de Filipe Duarte e Nicolino Milano, escrita primeiramente para uma festa elegante de amadores no teatro de São Luís e agora adaptada a cena do Eden, para ser representada pela companhia que nele trabalha.

O principal defeito da peça consiste

nas modificações que foram feitas e em que

se procurou claramente subordiná-las ao

sabor da plateia popular do teatro da Praça

dos Restauradores. Politicamente houve

medos, ameaças, cortes, dia o desaparecimento

que se lia nos rostos dum grande

parte das pessoas

que estavam presentes na

representação.

Portalegre

A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES**Portalegre****A burla eleitoral**

PORTALEGRE, 29.—Em anteriores correspondências tínhamos afirmado que a burla eleitoral dariá por aqui muito que falar e afinal não nos enganámos, pois que, a poucos dias dessa grande comédia, os que se fiam no doce canto da sereia política, os partidários da gamela andam por aqui numa verdadeira roda-viva.

Todos os partidos e facções políticas

que querem levar a circo de São Bento

e aí a azáfama que em todos se nota. Há quem prometa tudo e quem tudo ameace e há também quem, com falas mansas e massas attitudes, pretenda levar a água ao mocho do seu preferido dono. Neste caso está o encarregado da Fábrica Robison, dessa fábrica em que os operários são rudemente tratados e descaradamente explorados, não havendo respeito algum pela velhice, atirando-se para a miséria aqueles que, depois de lá terem deixado tódas as suas energias, já nada têm que deixar.

Pois o referido encarregado, que vê com declarada indiferença como os operários ali são tratados, ainda agora feito caci

a inquirir de cada um qual o palhaço

que terá direito ao seu voto. Mas não é só

na fábrica Robison e com os nossos camara

das corticeiros que isso se dá, pois que

com o funcionalismo público outro tanto

sucedeu, visto que, sem considerar alguma

que sequer qualidades que nem sempre

deparam neste género de teatro.

Apesar disso o primeiro acto decorreu

com monotonia, sem interesse, havendo

em compensação no segundo mais vida,

mas nos parecendo até que aos autores fôsse

necessário recorrer a ditos «double sens».

Assim o desempenho dentro das possibilidades da revista foi uniforme. Todos se esforçaram por agradar, desde a apresentação

até ao final, e com resultados variados.

Autonomia, originalidade, humor, etc.

Portalegre, 29.—Corre afanosamente e com desusado costume a propaganda das tão de

contadas eleições que breve irão ter lugar.

O combate deverá ser renhido visto o

afanar a que todos se entregam.

Autonomia, originalidade, humor, etc.

Portalegre, 29.—Corre afanosamente e com

desusado costume a propaganda das tão de

contadas eleições que breve irão ter lugar.

O combate deverá ser renhido visto o

afanar a que todos se entregam.

Autonomia, originalidade, humor, etc.

Portalegre, 29.—Corre afanosamente e com

desusado costume a propaganda das tão de

contadas eleições que breve irão ter lugar.

</

Uma carta que define o es- tado moral do carcereiro da cadeia de Santa Cruz, de Coimbra

COIMBRA, 29.—Há muito tempo já, que até não chegavam constantes reclamações de alguns presos da Cadeia de Santa Cruz contra o ignobil procedimento do carcereiro José Vizeu. Este cavaleiro, cujo moral toda a gente conhece, é um ex-polícia que para se guindar ao lugar que exerce, não hesitou em sacrificar o ganha-pão da viúva e filhos do seu antecessor. No desempenho do seu lugar tem sido o mais despótico possível, fazendo da cadeia uma autêntica roça e um verdadeiro prostíbulo.

Não temos querido tratar deste caso, sem termos concretizadas certas acusações àquele indivíduo feitas. Mão amiga, porém, mostrava-nos uma carta publicada no jornal *O Avereiro*, que transcrevemos, pois confirma inteiramente o que se tem dito.

"Ex-mº Sr.—Ao integral carácter de V. e ao desassombro com que no seu jornal fulmina todos os opressores e explodidores dos fracos vem a súplica de um recluso,

vítima de estranhas iniquidades e ferozes perseguições, pedir o favor de fazer chegar ao conhecimento do ministro da Justiça, para que nos devidos termos mande sindicar, algumas das violências, dos abusos, dos crimes praticados pelo carcereiro da Cadeia de Santa Cruz, de Coimbra.

Alguns dos abusos, dos crimes, das violências:

1.º—Abusa das reclusas, casadas ou solteiras; trá-las ao seu serviço em sua casa e manda-as trabalhar em serviços agrícolas numa propriedade que tem para os lados de Monte Claro desta cidade. Estes factos são confirmados pelo ex-charcereiro desta cadeia José Leitão Gomes Júnior, agora recluso na Penitenciária, o qual era o encarregado de ir buscar às prisões das mulheres, aquelas que o carcereiro lhe designava e escolhia para as suas orgias de sátiro.

2.º—Uma preta de nome Nascimento, a sua débil favorita, é por causa da qual ele espanca a mulher, foi agredida por um filho dele, de nome José, em plena rua, e de cuja desordem resultou quebrar um vaso dum eléctrico e serem conduzidos presos para a esquadra e Governo Civil, onde lhes formaram processo que o sub-delegado, protector do José Vizeu, pai do rapaz, e carcereiro, dizem que arquivou. O próprio filho do Vizeu a mim me disse.

3.º—A tróca de bacalhau, açúcar, arroz, etc., etc., os presos condenados a prisão correccional não pernoitam na cadeia e saem para fora da comarca aos 3 e 4 dias. O sr. Filipe Mendes (que o sr. Fernando Homem Cristo conhece) foi um desses, e, numa noite em que o carcereiro lhe fez não sei bem que partida, disse alto e bom som: que o carcereiro Vizeu o maltratava sempre que não vinham os quilos de arroz e bacalhau, e que havia poucos dias tinha gasto 30\$00 com ele (sic).

4.º—Um preso de nome Sebastião da Costa, deu o referido carcereiro tamanha carga de socos e pontapés que lhe produziu duas rururas. Vi-as eu e ouvi da boca de Sebastião o que fica dito e muito mais.

5.º—Presos condenados a penas maiores saem à noite a passeio pela cidade, ou a esperar pessoas de família, ou em serviço particular do soba carcereiro. Dois nomes de condenados (o primeiro já em liberdade e o segundo ainda aqui) citam a V. Ex.º: Miguel Lopes, e José de Oliveira Vitoria.

6.º—Roubou o Estado ou a Câmara nas requisições do petrólio, José Leitão Gomes Júnior, e outros o provaram.

7.º—Explora oficinas por sua conta compeñando os reclusos a trabalhar.

8.º—Traz a tratar-lhe de uns suínos, e outros serviços, presos condenados a pena maior e a pena correccional.

E muito multifíssimo mais se apurará numa sindicância rigorosamente feita, por processos honestos com justiça e imparcialidade. Porém, tal sindicância não deve ser feita por alguém de Coimbra com quem o Vizeu bebe cerveja e por quem é protegido escandalosamente. Um funcionário, um magistrado estranho à comarca e incapaz de curvar-se a conveniências estranhas deve-á ser o sindicante, devendo suspender imediatamente o carcereiro, o qual vive dentro da cadeia, a fim de que não suborne consciências nem force criaturas medrosas a calar senão desmentir a própria consciência. Não sendo assim, a sindicância será mais um diploma de honradez e de competência passado ao mais vil dos carrascos.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,06
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,35
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	29
S.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	—

MARES DE HOJE

Praiamar	às 4,16	e às 4,34
Paixamar	às 9,46	e às 10,04

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	
Madrid cheque...	2882	
Paris, cheque...	83	
Suíça, ...	3580	
Bruxelas cheque	89	
New-York, ...	19565	
Amsterdão ...	7592	
Itália, cheque...	78	
Brasil, ...	3500	
Praga, ...	59	
Suecia, cheque...	527	
Berlim, ...	470	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional.—Não há espectáculo.
São Carlos.—Não há espectáculo.
Politeama.—A's 21,30—«Quando o amor acabou».
Apollo.—A's 21,15—«O Saltimbancos».
Gimnásio.—Não há espectáculo.
São Luís.—A's 21—«Montaria» e «Canção do Olival».
Trindade.—A's 21,30—«Versoss», por Berthe Simmernann.
Almeida.—A's 21,15—«O Pão de Ló».
Eden.—A's 21,15—«No país de tirismos».
Mário Vitoria.—A's 20,30 e 22,30—«Rataplan».
Coliseu.—A's 21—Companhia de circo.
Salão Toy.—Animatógrafo e Variedades.
Gabinete Perque—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina; coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia—Operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.

Rins, vesículas urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Feie e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—II a 8 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. L. L. 2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Gângara, faríe e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—4 horas.

Estomachos e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Reino X—Dr. José de Pádua—4 horas.

Análises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

CLÍNICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1º
TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA

Consultório:—Travessa Nova de S. Domingos, 9 (à Rua do Amparo).
Residência:—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lado do Cordeiro)

Este carcereiro, tem figados de um *Cabeça à Banda*, como o do forte da Traíra, e é um autêntico e repulsivo sátiro. Se aqui estão mulheres a quem não fará diferença tornarem-se barregas do ex-polícia 25, também há mulheres solteiras, viúvas e casadas cuja honestidade periga ante as investidas e influência exercidas contra elas pelo senzala Vizeu.

Deprende daqui que já não é de hoje que o sr. Vizeu faz o que entende dentro da cadeia, sendo portanto inteiramente impossível que as autoridades superiores ignorem o que dentro daquela inquisição se passa. — C.

As tropas auxiliares da Donzela, comandadas por homens de Flavy, debandaram, arremessaram-se aos barcos preparados à borda do rio, deixando Joana e a sua pequena companhia sustentar só os choques dos ingleses e dos borguinhões; ela o sustentou com uma coragem inaudita, mas foi assaltada de novos presentes à vista da derrota das suas tropas auxiliares, cujos capitães não tinham executado nenhuma das suas ordens.

Em vista disto, a Donzela resolveu antes morrer do que cair viva em poder dos ingleses; de espada na mão arremessou-se com uma louca temeridade contra um inimigo cem vezes superior em número ao punhado de heróis que combatiam a seu lado. Estes, depois dos maiores prodígios de valor, vendendo a batalha perdida, quizeram, ao preço da sua vida, salvar a da Donzela; dois de entre eles, não obstante as suas súplicas, não obstante a sua resistência, agarram o seu cavalo pelo freio, a fim de reconduzirem a Donzela para a cidade, enquanto os seus companheiros se deixaram matar até o último para lhe cobrir a retirada. Eles já iam próximos de uma ponte levadiça lançada sobre um fosso que separava o reduto da estrada, quando a ponte se levantou por ordem do senhor de Flavy...

A Donzela e os seus fieis soldados, assim périferamente traídos e entregues ao inimigo, arremessaram-se a elle com a fúria do desespero; Joana, ferida ao mesmo tempo por muitos golpes, foi atirada do cavalo

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00 - - - - -

“Reumatina”

Vende-se em todas boas

- farmácias e drogarias -

Pó Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das bienorrágicas crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

FÁBRICA

deletérios, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C. a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244—LISBOA —

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metáis Aver, nessas como rodas óctas 3 macissas, tubos, molas, chaminés 2 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata

(a casa que fornece em melhores

diálogos).

A sair por estes dias a 8.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

MENSTRUAÇÃO UTERIN

do DR. R. WOLFF, de Berlim

E' um medicamento sem rival, visto a sua infalibilidade na amenorréa, isto é, na falta, supressão ou irregularidade da menstruação, bem como no Dismenorrea, menstruação difícil que sempre vem acompanhada de náuseas e de cólicas uterinas tão fortes, que obrigam a recolher a cama durante 24 horas.

O uso desté preparado sobreleva tudo quanto, até hoje, tem aparecido em virtude dos seus efeitos rápidos e certos.

Os incômodos próprios da falta de menstruação, como: dor de cabeça, vertigens, zumbidos nos ouvidos, sonolência, dores nos rins, etc., desaparecem passado pouco tempo com o uso desté maravilhoso remédio, do composto integral.

Tomar na devida atenção o prospecto que acompanha cada exemplar, no qual está indicada a forma de usar.

Preço—Escudos 15\$00; pelo correio, escudos

A BATALHA

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

A greve da classe corticeira, que foi iniciada há três dias, mantém-se inalterável em todo o país e com o entusiasmo do primeiro dia

O movimento grevístico dos corticeiros, iniciado há três dias com invulgar coragem, mantém-se indefetivel em todo o país. A classe corticeira, com um passado glorioso, há três dias que vem afirmando, dum maneira iniludível quanto vale a solidariedade dum classe, para que serve a união dum classe que se vê espesinhada pelos caprichos do patronato.

Pelos comunicados que os leitores encontrarão a seguir, se verificará até onde chega a decisão dos valorosos corticeiros perante uma afronta, até onde chega a coragem dum classe quando vê o seu pão em perigo.

O movimento em trânsito, grandioso pelo seu número, é também grandioso pelo seu significado moral. Ele ficará gravado na história do movimento operário como uma das melhores demonstrações do operariado organizado.

Nota do Comité dirigente da greve

Camaradas: Este comité está cheio de respeito pela maneira altiva como a classe se está manifestando em defesa dos salários actuais. Envia, mais uma vez, as suas saudações à classe, e aconselha persistência e firmeza na luta que está a intensificar-se contra a exploração iniqua que os nossos exploradores pretendem impor à família corticeira.

Este comité lembra a todas as classes que, pela natureza dos seus trabalhos, sempre nos prestaram a sua solidariedade, mesmo antes de possuirmos organização, que neste movimento não nos regateiam a mesma solidariedade, porque isso não faria sentido, nem provava a utilidade da organização agora existente.

Damos a seguir a nota das localidades em greve e número dos operários que nelas trabalhavam, em tempo normal:

Almada, 1.700 operários; Seixal, 1.500; Barreiro, 1.200; Póvoa do Bispo, 1.100; Beja, 500; Aldegalve, 500; Amora, 500; Alhos Vedros, 400; Póvoa de Santa Iria, 500. Conforme forem chegando as adesões da proximidade a classe será informada.

Camaradas: Há já muitos industriais que declararam não baixar os salários dos seus operários. Se bem que esta atitude venha ao encontro das aspirações da classe, este comité entende que o momento não é de molde a estabelecer acordos parciais, sem que haja o conhecimento total do movimento em que estamos emprenhados.

Portanto deve a classe manter o princípio estabelecido, isto é, a greve geral.

Avante pela Vitória!

O Comité

Em Belém

Na sua secção, reuniram os operários corticeiros de Belém para apreciar o movimento grevístico contra a baixa de salários.

A pesar de alguns industriais se comprometerem a não baixar os salários, a classe mantém-se em greve até que o comité determine o contrário.

A classe, que está em sessão permanente, reúne às 17 horas.

No Poço do Bispo

Os operários corticeiros do Poço do Bispo reúnem em assembleia para apreciar a marcha do movimento. Foi resolvido prosseguir a greve até que os industriais respeitem os salários dos operários.

Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 2.—Os corticeiros desta localidade mantêm-se na luta até que o comité da greve determine o contrário. A pesar de alguns industriais prometerem não baixar os salários aos seus operários, estes conservam a energia precisa para levarem de vencida os industriais mais intransigentes.

Como no Lavradio estivesse uma fábrica em laboração, por desconhecer a declaração do movimento, os operários postos ao facto da greve, imediatamente abandonaram o trabalho.—E.

Em Almada

ALMADA, 2.—Com a firma do primeiro dia, prossegue a greve dos corticeiros desta localidade. As fábricas foram abandonadas pelos operários que só retornarão ao trabalho quando o comité da greve o indique e esteja seguro da vitória.

A opinião pública é favorável à greve, exactamente porque os gêneros sobem de preço não reconhecendo motivo para uma redução de 10% nos salários.

A classe está indignada contra a atitude de alguns industriais sócios da Associação Industrial que afirmam estar dispostos a não reduzirem os salários e não têm coragem para dentro daquele organismo de defender esse critério.

A classe reúne todos os dias às 17 horas.

Na Póvoa de Santa Iria

POVOA DE SANTA IRIA, 2.—A greve geral proclamada pela Federação Corticeira foi secundada nesta localidade. Em reunião da secção corticeira foi resolvido que a classe só retome o trabalho quando o comité da greve o determine.

As classes organizadas da Póvoa de Santa Iria prestam tóda a solidariedade moral aos grevistas.—E.

No Barreiro

BARREIRO, 2.—A greve nesta localidade prossegue com grande entusiasmo, estando a classe disposta a retomar o trabalho só quando os industriais desistam da pretensão de reduzirem os salários aos operários.

A pesar de haver nessa localidade industriais que declararam não baixar os salários, o sindicato só toma resoluções sobre tal atitude por determinação do comité de greve.

A classe está indignada com a atitude dos descarregadores de mar e terra que se ne-

gam a prestar-lhe solidariedade, alegando que só o farão por determinação da Federação Marítima. Enquanto não se chega a esse acordo, os descarregadores de mar e terra continuam a fazer as cargas e descargas o que sobremaneira prejudica os grevistas.

Hoje deve realizar-se uma conferência entre um delegado do Sindicato Corticeiro do Barreiro e delegados da Federação Corticeira e da Federação Marítima sobre o assunto.—E.

No Seixal

SEIXAL, 2.—Prossegue indefetivel a greve corticeira. Os grevistas mostram-se dispostos a levar de vencida os industriais que pretendem reduzir-lhe os salários.

Solidarizaram-se com os grevistas os metalúrgicos das fábricas e os descarregadores de mar e terra. Esperamos que os descarregadores doutras localidades sigam o caminho dos seus camaradas daqui.

A classe corticeira, reunida em assembleia resolreu dar todo o apoio à F. C. N.—E.

Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 2.—A paralisação da classe corticeira é absoluta. Os grevistas mais do que nunca, estão dispostos a fazerem vingar a sua reclamação, que consiste na defesa dos actuais salários. —E.

As resoluções dos operários do mobiliário

Os operários do mobiliário, reatando as suas tradições revolucionárias, despertaram para a luta contra a pretensão do seu industrialismo que pretende baixar-lhes os salários. Com a sua sorte ligada à do restante operariado, eles não podiam deixar de enfrentar a sua situação miserável a que o patronato procura sujeitar os seus escravos, forjando uma crise amorfante para, mais à vontade, arrancarem dos salários ainda impotentes para custear as más rudimentares necessidades humanas, uma parte que, satisfezendo a sua usura, teria como resultado a invasão dos lares operários pela fome.

Os operários do mobiliário aprestaram-se para a luta. Três assembleias magnas já se realizaram. Na primeira, a classe constatou que em algumas oficinas as manigâncias dos industriais conseguiram da fraude de alguns operários que os salários descesssem. Noutras, algumas já com redução de dias de trabalho, pairava também a ameaça da diminuição dos salários.

Para evitar o alastramento da crise e garantir a todos os salariados da indústria prontos convenientes, foi nomeada uma comissão de resistência e esta encarregada de dar parecer sobre a situação. Na segunda assembleia magna o parecer da comissão foi discutido e aprovadas as suas seguintes conclusões:

1.º Nomear, por inscrição voluntária, comissões de vigilância junto das oficinas, no sentido de evitá-las em horas suplementares;

a) Para boa execução deste número e para o efeito da vigilância aos domingos, dividir a cidade em zonas, devendo os vigilantes ser escolhidos pela sua residência nessas zonas. Para a vigilância diária a selecção será feita por conjunto de oficinas;

b) Umas e outras comissões (sub-comissões de resistência) estarão em ligação permanente com a Comissão Central.

2.º Que se fixe, pela média dos salários em vigor, o salário mínimo, por cujo respeito a classe deve dispor-se a lutar, iniciando desde já movimentos de reivindicação nas oficinas cujos salários tenham descido ao limite a estabelecer;

a) Os salários superiores ao salário mínimo considerados salários de oficina serão mantidos "a outrance".

3.º Que, conforme resolução já tomada, não sejam consentidos despedimentos, estabelecendo-se um regime de equidade de trabalho.

Nessa assembleia, pela Federação da Indústria foi presente um documento que originou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Aceitar o princípio da divisão de trabalho, quando este não chegue para todos os operários da mesma casa fazerem os 6 dias.

2.º Não permitir despedimentos sem que o motivo preterido para tal seja considerado como verdadeiro e imperioso.

3.º Não consentir, seja a que pretexto for, a redução dos salários, dando imediato conhecimento ao sindicato de qualquer tentativa neste sentido;

4.º Sindicarem-se os que o não forem a fim de habilitar o sindicato a desempenhar cabalmente a sua missão;

5.º Aprovar e diligenciar pôr em prática, o mais breve possível, as conclusões apresentadas pela Federação do Mobiliário.

Estes documentos foram aprovados, tendo sido encarregada a comissão de resistência de elaborar um parecer sobre o quantum a estabelecer como salário mínimo a reivindicar.

E' de esperar que os operários da construção civil de Portimão, mantendo as suas tradições revolucionárias, saberão corresponder ativamente à luta que irá travar-se e que depende a deboche duma situação angustiosa. São estes os nossos desejos.—C.

5.º A assembleia resolve que se não permita, nas oficinas de trabalho especial, nenhuma baixa nos salários que sejam superiores ao mínimo estabelecido, nem o ingresso nessas oficinas de operários de menor salário.

6.º Para o estabelecimento do salário mínimo e para a defesa dos salários superiores, a classe, se tanto for preciso, recorrerá à luta, estabelecendo já o princípio de movimentos de oficinas ou grupos de oficinas.

7.º No caso de ter-se que recorrer a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

8.º Para evitar o alastramento da crise de trabalho, intensificare-se-há a vigilância e, depois de se fazer uma inscrição de todos os desocupados e dos que estão a trabalho reduzido, adoptar-se-hão as medidas defensivas que a situação indicar.

Depois de discutidas estas conclusões, a assembleia aprovou-as em votação nominal. Sendo dado conhecimento de que a firma Diamantino & Branco Lda, havia comunicado ao seu pessoal que, a partir de segunda-feira, ser-lhe-iam reduzidos 10% nos salários, a assembleia incumbiu a Comissão de Resistência de entrevistar aqueles industriais, no sentido de evitar conflito naquela casa.

9.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

10.º Para evitar o alastramento da crise de trabalho, intensificare-se-há a vigilância e, depois de se fazer uma inscrição de todos os desocupados e dos que estão a trabalho reduzido, adoptar-se-hão as medidas defensivas que a situação indicar.

11.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

12.º Para evitar o alastramento da crise de trabalho, intensificare-se-há a vigilância e, depois de se fazer uma inscrição de todos os desocupados e dos que estão a trabalho reduzido, adoptar-se-hão as medidas defensivas que a situação indicar.

13.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

14.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

15.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

16.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

17.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

18.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

19.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

20.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

21.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

22.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

23.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

24.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

25.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

26.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

27.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

28.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

29.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

30.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

31.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

32.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

33.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

34.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

35.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

36.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

37.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

38.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

39.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.

40.º Para evitar que recorra a greve parcial, os operários que fiquem laborando auxiliarão, na medida do possível, os que forem forçados a paralisar.